

carbono alterado

richard morgan

Tradução de Sofia Moreiras



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

AS ORIGENS DE TAKESHI KOVACS

Prefácio exclusivo para a edição portuguesa

Foram tantas as formas em que tropecei em Takeshi Kovacs.

Em primeiro lugar, o próprio nome – Takeshi, saído da enorme quantidade de Literatura e Cinema Japoneses (e, agora que penso nisso, comida) que eu digerira nos anos noventa, e Kovacs, que era o apelido de um *penpal* francês com quem me correspondi e cujo pai, de origem Húngara, se tornara refugiado em França em 1956 e que, tanto quanto sei, era um jogador relativamente conhecido da Seleção Húngara de Futebol. Nessa altura, da Hungria, conhecia apenas aquelas imagens icónicas de homens e mulheres que enfrentavam tanques com pedras nas mãos, nas ruas de Budapeste. Mas agradava-me o *som* do nome (embora na altura ainda o pronunciasse incorrectamente como KovaKS – foi preciso que uma encantadora senhora Húngara, que conheci mais tarde, me ensinasse a pronunciar KovaCH) e se alguma vez pensava naquelas imagens de desesperado heroísmo... bem, elas encaixavam perfeitamente com o tipo de personagem que queria escrever.

E assim nasceu Kovacs; e Kovacs cresceu – e a par do desespero, deparei-me também com as incessantes fúria e violência como escapatória das minhas próprias frustrações quanto à forma como o mundo é conduzido, como aqueles tanques avançavam sobre civis indefesos, como tantas vezes acontece, e da imbecilidade humana com que tantas vezes era confrontado na minha vida profissional. Nessa altura era professor de Inglês como Segunda Língua (ISL), e ensinar Inglês (ou pelo menos, ensinar bem Inglês) exige que nos tornemos um bocado *hippies* nas aulas. Queremos que os nossos alunos consigam falar numa língua que não é a deles, e isso implica derrubar alguns modelos tradicionais de autoridade na sala de aulas, permitindo aos alunos sentirem-se suficientemente confiantes para se arrisarem com uma língua pouco familiar num ambiente mais reconfortante. E, é claro, esperamos que os alunos respeitem o ambiente que criámos.

Infelizmente, nem todos os alunos sabem observar a sua parte desse acordo, e esse suavizar de autoridade obriga-nos frequentemente a sorrisos amarelos e a suportar comportamentos bestialmente ofensivos.

Eis o pior exemplo que me ocorre – não se passou comigo, desta vez foi um colega meu que se viu na linha de fogo. Mas serve para vos dar uma ideia do que *pode* acontecer numa aula de ISL. O meu colega

estava a dar uma aula a um grupo de estudantes Egípcios – para dizer a verdade, era um grupo de *professores* Egípcios: professores de Inglês do ensino público primário e secundário, e que tinham vindo ao Reino Unido para refrescar, quer o seu nível de inglês, quer as suas técnicas pedagógicas. Abordou-se o tema do Holocausto e a reacção de uma parte significativa daquele grupo de homens e mulheres adultos foi: “Ah, sim, o Hitler – ora aí está um homem que sabia como lidar com os judeus.”

Que fazer?

Bom, como professor de ISL, o que há a fazer é remexermos pouco à vontade na nossa cadeira, e encontrar uma forma diplomática de enfrentar (ou deflectir) a situação, porque aqueles racistas atrasados mentais são clientes e não podemos antagonizar os clientes. Engolimos em seco, contemos a raiva, e continuamos a ser *hippies* na aula.

Nunca me aconteceu coisa semelhante, mas na quase década e meia de professor de ISL, deparei-me com alunos isolados que tinham opiniões igualmente ofensivas sobre as mulheres, os Britânicos, os negros, os Japoneses, os Africanos, os Árabes – que diabo, sobre quase toda a gente. Já dei aulas a praticamente todos os géneros de fanáticos e imbecis. E depois havia aqueles que eram simplesmente rudes para comigo, porque tomavam a *persona* que eu adoptava na sala de aula por fraqueza.

Sabem, é que não podemos *matar* essa gente.

Mas o Kovacs podia. E o Kovacs havia de matar. Kovacs havia de os matar pelo crime de terem opiniões estúpidas ou por não terem respeito, logo que lhes pusesse os olhos em cima. E sem sequer pestanejar. E assim o Kovacs foi destilado de dentro de mim ao longo desses catorze anos, como se fosse um óleo negro e corrosivo que se escapasse pelas rachadelas criadas pela pressão no cadinho do meu controlo emocional. Kovacs acumulou-se dentro de mim, e foi ganhando força.

E o mesmo se passou com o seu passado.

Agora que tinha o nome dele, era preciso encontrar uma justificação para as raízes Húngaro-nipónicas que lhe tinha atribuído. Nós somos a soma das nossas memórias, e se queremos que uma personagem ficcional consiga convencer os leitores, essa personagem deve ter memórias como se fosse uma pessoa real. Tinha que dotar Kovacs com uma terra natal, uma família, um bar predilecto. E assim nasceu o Mundo de Harlan, um planeta distante colonizado pela improvável mescla de investimento corporativo nipónico e mão de obra barata do Leste Europeu, uma cidade chamada Nova- peste e um bar chamado Watanabe, criaturas e paisagens exóticas, lendas vagamente familiares e maquinaria alienígena, tudo entrevisto apenas como meros fragmentos através do rememoração sangrento do Takeshi. Bom – até aqui tudo bem, afinal era apenas um

passado para a personagem, não exigindo mais do que uma referência ocasional. Isto é, até Kovacs regressar inesperadamente ao Mundo de Harlan no terceiro volume, *Woken Furies*, e eu me ter visto subitamente obrigado a criar uma sociedade planetária completa a partir daqueles fragmentos ociosos.

Desta vez, dei-me ao trabalho de fazer alguma pesquisa. Li sobre história e cultura, debrucei-me sobre mapas. Tirei apontamentos em abundância, estudei inúmeras fotografias. Desejei ardentemente ter tempo para visitar todos aqueles sítios desconhecidos e com nomes estranhos sobre os quais tinha lido, sabendo que era logisticamente impossível. Em vez disso, comecei a pronunciar em voz alta os nomes de lugares, poetas e políticos, saboreando-os da mesma forma como antes tinha saboreado o nome de Takeshi Kovacs. Mexi e remexi todos estes ingredientes; como quem lança os dados, atirei para a mistura os fragmentos culturais que tinha pedido emprestados e fiquei à espera de ver o que saía dali. E assim nasceram, na esteira do próprio Kovacs, a indústria de erva-bela, a ascensão e o declínio de Nova- peste e das suas cidades irmãs, Drava e Erkezes, a revolução Quellista e os surfistas da praia de Vchira, os dialectos Magiars de Kossuth e a Extensão de Erva, os clãs haiduci do sul com o seu peculiar código de honra, o recife e o labirinto de ilhas de Eltevedtem, e o arquipélago endinheirado de Millsport. Para obter todo este material, pilhei e esquitejei a herança cultural da Hungria, do Japão e de meia-dúzia de outras nações. Sempre acreditei que uma obra de ficção se aguenta ou cai consoante a riqueza de pormenor do cenário que serve de palco à história, e isso é duplamente verdadeiro quando estamos no âmbito da Ficção Científica, pois o romance de Ficção Científica tem muito mais trabalho a fazer para convencer o leitor antes de este aceitar suspender a descrença e entregar-se à narrativa. Aquilo que pedi, roubei ou tomei de empréstimo de todas estas culturas, tem sido a força vital da série Kovacs.

Nesse sentido, estes livros têm uma inspiração verdadeiramente global. E, como cidadão global, espero que gostem.

Richard Morgan

AGRADECIMENTOS

Entre decidir escrever o primeiro romance e vê-lo finalmente publicado, vai uma distância enorme, e a viagem que percorre essa distância pode ser emocionalmente brutal. Ela arrasta consigo uma carga de solidão, ao mesmo tempo que nos exige uma grande fé naquilo que estamos a fazer, fé essa que não é fácil de sustentar sozinho. Só consegui completar essa viagem porque tive a ajuda de muitas pessoas que encontrei pelo caminho e que me emprestaram a sua fé quando a minha estava a esgotar-se. Uma vez que a tecnologia imaginada em *Carbono Alterado* ainda não existe, é melhor agradecer a esses companheiros de viagem enquanto posso, porque sem o apoio deles, tenho quase a certeza de que este *Carbono Alterado* também não existiria.

Assim, obrigado à Margaret e ao John Morgan por unirem o material orgânico inicial, à Caroline (Dit-Dah) Morgan pelo seu entusiasmo antes ainda de conseguir falar, ao Gavin Burgess pela amizade, quando, às vezes, nenhum de nós estava sequer em estado de conseguir falar, ao Alan Young por graus de entrega incondicional que não há *forma* de descrever, e à Virginia Cottinelli por me dar os seus vinte anos quando já praticamente tinha gasto os meus. Por fim, a luz ao fundo de um longo túnel, obrigado à minha agente Carolyn Whitaker por ter aceite os rascunhos de *Carbono Alterado*, não uma, mas duas vezes, e ao Simon Spanton da Gollancz por ter sido o homem que fez com que acontecesse.

*Que a estrada venha sempre ao vosso encontro,
Que o vento vos sopra sempre pelas costas.*

*Este livro é para
o meu pai e a minha mãe:*

*JOHN
pela sua resistência férrea e
inquebrantável generosidade de espírito
face à adversidade*



*MARGARET
pela raiva incandescente
que reside na compaixão e
na recusa de desistir*

PRÓLOGO

Faltavam duas horas para o amanhecer quando me sentei na cozinha decrepita e acendi um dos cigarros da Sarah, escutando o *maelstrom*, e esperando. Millsport já dormia há um bom bocado, mas ao longe, no Reach, a correnteza continuava a embrulhar-se nos baixios, e o som vinha arrastar-se até à costa, onde percorria as ruas desertas. Uma ténue neblina soltava-se do redemoinho, caindo sobre a cidade como mantas de musselina e embaciando as janelas da cozinha.

Em estado de alerta químico, inventariei pela quinquagésima vez o material espalhado no tampo riscado da mesa de madeira. A pistola de dardos Hekler & Koch de Sarah brilhava mortiça na penumbra, à espera que lhe enfiassem o carregador. Era uma arma de assassino, compacta e absolutamente silenciosa. Os carregadores estavam ao lado dela. Sarah tinha-os enrolado em fita isoladora para distinguir as munições; verde para dormir, preta para as cargas de veneno de aranha. A maior parte deles tinha fita preta. Na noite anterior, Sarah tinha-se fartado de usar verde contra os seguranças da Gemini Biosys.

A minha contribuição era muito menos subtil. A sólida Smith & Wesson prateada, e as quatro granadas alucinogénias que tinham sobrado. As finas listas carmesim que rodeavam cada uma das granadas pareciam brilhar levemente, como se estivessem prestes a separar-se das embalagens de metal e a elevar-se para junto das cornucópias de fumo que se evolavam do meu cigarro. Volutas e arabescos de significantes alterados, eis os efeitos secundários do *tetrameth* que tinha conseguido arranjar essa tarde no cais. Não costumo fumar quando estou limpo, mas o *tetra* desperta sempre a vontade, seja porque motivo for.

Então ouvi-o, contra o rugir longínquo do *maelstrom*. O afiar de lâminas apressadas de hélices contra o tecido da noite.

Esmaguei o cigarro, como quem não quer a coisa, e atravessei a cozinha rumo ao quarto. Sarah dormia, um conjunto de curvas sinusóides de baixa frequência sob o lençol solitário. Uma vaga de cabelo negro cobria-lhe o rosto e uma mão de dedos compridos estendia-se para além da cama. Enquanto olhava para ela a noite rompia lá fora. Um dos guardiães orbitais do Mundo de Harlan a efectuar disparos de teste sobre o Reach. O trovejar do céu espancado fez estremecer as janelas. A mulher na cama agitou-se levemente e afastou o cabelo dos olhos. O seu olhar de cristal líquido encontrou-me e fixou-se em mim.

— Estás a olhar p'ra onde? — Voz rouca com restos de sono.

Esbocei um sorriso.

— Não me venhas com essa treta. Diz-me p'ra onde estás a olhar.

— Nada. Estava só a olhar. Está na hora.

Sarah levantou a cabeça e ouviu o helicóptero. O sono desapareceu-lhe do semblante e ela sentou-se na cama.

— Tento no equipamento.

Era uma piada do Corpo. Eu sorri, da maneira como se sorri quando avistamos um velho conhecido, e aponte para a mala no canto do quarto.

— Passas-me a arma?

— Sim *s'nhora*. Preto ou verde?

— Preto. Confio tanto nesta escumalha como num desses preservativos autocolantes.

De volta à cozinha, carreguei a pistola de fragmentação, lancei um olhar à minha própria arma e resolvi deixá-la ali. Ao invés, peguei numa das granadas-A e levei-a comigo, na mão que tinha livre. Detive-me à porta do quarto e sopesei as duas peças de armamento, como se tentasse decidir qual era a mais pesada.

— Alguma coisa para acompanhar o seu substituto fálico, *s'nhora*?

Sarah olhou-me de sob a repa de cabelo negro que lhe caía para a testa. Estava a vestir umas meias compridas, de lã, de forma a cobrir o claro das coxas.

— A tua é a que tem o cano longo, Tak.

— O tamanho não é o...

Ouvimo-lo ao mesmo tempo. Um duplo *clack* metálico vindo do corredor exterior. Os nossos olhares cruzaram-se e, por uma fracção de segundo, vi o meu próprio choque espelhado nos olhos de Sarah. No instante seguinte lançava-lhe a arma de dardos, já carregada. Sarah levantou uma mão e apanhou-a em pleno ar no preciso momento em que a parede do quarto era derrubada com estrondo. O estouro atirou-me contra um canto e daí para o chão.

Deviam ter-nos localizado no quarto com detectores de calor e coberto a parede com minas-lapa. Desta vez, não estavam a correr riscos. O comando que atravessou a parede derrubada era entroncado, olhos de insecto a espreitar da máscara de gás do equipamento de ataque e uma agressiva Kalashnikov nas mãos enluvadas.

Ainda tombado e com os ouvidos a zumbir, lancei a granada-A na sua direcção. Não estava activada, e mesmo que estivesse seria inútil contra a máscara de gás, mas ele não tinha tempo de identificar o projéctil que rodava no ar. Repeliu-a com a culatra da Kalashnikov e recuou, aos tropeções, de olhos esbugalhados por trás das lentes da máscara.

— *Fogo na toca.*

Sarah estava estendida ao lado da cama, com os braços sobre a cabeça, protegida da explosão. Ouviu o grito e, nos poucos segundos que o *bluff* nos tinha dado, levantou-se de um salto, arma de fragmentação imediatamente apontada. Para lá da parede eu podia ver figuras agachadas, protegendo-se da esperada explosão da granada. Ouvi o zumbido de espímulas monomoleculares a atravessar o quarto quando Sarah meteu três balázios no comando da frente. Invisíveis, romperam caminho através do fato de ataque para se cravarem na carne. O comando emitiu um grunhido semelhante ao de alguém que pretende levantar um fardo pesado, o veneno de aranha a cravar as presas no sistema nervoso. Sorri e comecei a levantar-me.

Sarah estava a fazer pontaria sobre os vultos para lá da parede quando um segundo comando surgiu apoiado na entrada da cozinha e a regou com fogo do fuzil de assalto.

Ainda de joelhos, vi-a morrer com claridade química. Foi tudo tão lento que parecia uma reprodução de vídeo imagem a imagem. O comando manteve a pontaria baixa, segurando a Kalashnikov contra o recuo do tiro hiper-rápido que a fez famosa. A cama foi primeiro, numa erupção de penugem de ganso e farrapos de tecido, e depois a Sarah, apanhada na tempestade quando ainda se estava a virar. Vi como uma perna se desfazia em polpa abaixo do joelho e depois os impactos no tronco, que lhe arrancavam sangrentos punhados de carne dos flancos pálidos à medida que ela caía através da cortina de fogo.

Cambaleante, acabei de levantar-me ao mesmo tempo que o fuzil de assalto gaguejava e se calava. Sarah tinha caído de bruços, como se quisesse esconder os estragos que as balas lhe tinham infligido. Era como se estivesse a ver tudo através de um véu escarlate. Sem pensar, lancei-me sobre o comando, sem lhe dar tempo para voltar a Kalashnikov na minha direcção. Atingi-o à altura da cintura, desviei-lhe a arma e empurrei-o para o interior da cozinha de onde tinha surgido. O cano da arma ensarilhou-se no umbral da porta e ele não a conseguiu segurar. Ouvi-a tombar no chão, por trás de mim, ao mesmo tempo que nós. Com a velocidade e força do *tetrameth*, trepei para cima dele, sentando-me sobre o tronco; com uma pancada afastei-lhe o braço que agitava e agarrei-lhe a cabeça com as mãos. Esmaguei-lha contra a tijoleira como se fosse um coco.

Os olhos ficaram subitamente desfocados sob a máscara. Levantei-lhe outra vez a cabeça e voltei a bater com ela, sentindo o crânio ceder molemente com o impacto. Apoiei-me nos braços contra a inesperada cedência, voltei a levantar-lhe a cabeça e bati novamente com ela no chão. Um rugido como o do *maelstrom* invadiu-me as orelhas e, de muito longe, ouvia a minha própria voz a gritar obscenidades. Estava prestes a bater-lhe com a

cabeça pela quarta ou quinta vez quando qualquer coisa me acertou entre as omoplatas. Lascas saltaram, como por magia, da perna da mesa à minha frente. Senti o ardor de duas delas que se me espetaram na cara.

Sem que soubesse porquê a fúria esvaiu-se bruscamente. Larguei a cabeça do comando, quase com gentileza, e estava a levar a mão ao rosto em resposta à dor das estilhas na face, quando compreendi que tinha sido atingido, e que a bala me devia ter atravessado o peito até se cravar na perna da mesa. Olhei para baixo, perplexo, e vi a mancha vermelha escura que se alargava sobre a camisa. Não restavam dúvidas. Lá estava um orifício de saída tão largo que podia alojar uma bola de golfe.

Com a compreensão veio a dor. Parecia que alguém me tinha atravessado o peito com um escovilhão de palha-de-aço. De forma quase ponderada levei a mão ao peito, encontrei o orifício e tapei-o com os dedos do meio. As pontas dos dedos raspavam na presença áspera de ossos partidos na ferida, e pude sentir algo membranoso latejar contra uma delas. A bala não tinha acertado no coração. Gemi e tentei levantar-me, mas o gemido transformou-se em tosse e o sabor do sangue veio-me à boca.

— *Nem mais um movimento, cabrão.*

O grito nascia de uma garganta jovem, esganiçada pelo choque. Dobrei-me sobre a ferida e olhei por cima do ombro. Na entrada por trás de mim estava um tipo novo, com uniforme da polícia, as mãos apertadas em volta do punho da pistola com que tinha disparado. Tremia visivelmente. Tossi outra vez e voltei-me para a mesa.

A Smith & Wesson estava à altura dos olhos, com um brilho de prata, onde a tinha deixado há menos de dois minutos. E talvez tenham sido elas, as escassas aparas de tempo que tinham decorrido desde que Sarah estava viva e tudo estava bem, que me fizeram agir. Há menos de dois minutos podia ter pegado na arma. Até tinha pensado nisso. Porque não agora? Cerrei os dentes, enfiei com mais força os dedos na ferida aberta no peito e levantei-me, cambaleante. Salpicos mornos de sangue borrifaram-me a garganta. Apoiei-me no bordo da mesa com a mão que tinha livre e olhei para o bófia. Senti os meus lábios descolarem-se dos dentes cerrados no que era mais um sorriso do que um esgar.

— *Não me faças disparar, Kovacs.*

Dei mais um passo em direcção à mesa e apoiei as coxas no bordo, inclinando-me para a frente, respiração a chiar entre os dentes e a borbulhar na garganta. A Smith & Wesson brilhava como ouro dos tolos na madeira riscada. Lá longe, no Reach, um feixe de energia jorrou de um orbital e iluminou a cozinha em tons de azul. Podia ouvir o *maelstrom* a chamar.

— *Eu disse que não...*

Fechei os olhos e agarrei na arma.

1ª PARTE: CHEGADA

(needlecast download)

CAPÍTULO UM

Regressar dos mortos pode ser bem duro.

No Corpo de Enviados ensinam-nos a deixarmo-nos ir antes do armazenamento. Põe-te em ponto morto e deixa-te flutuar. É a primeira lição que aprendemos e os instrutores massacram-nos com ela logo desde o primeiro dia. Virginia Vidaura, de olhar duro, corpo de bailarina perdido no interior do macacão amorfo do Corpo, caminhando à nossa frente, de um lado para o outro, na sala de indução. *Não se preocupem com nada*, disse ela, e *estarão preparados*. Uma década depois voltei a encontrá-la, estava ela numa cela de contenção nas instalações judiciais de Nova Kanagawa. Ia levar de oitenta a um século; assalto à mão *demasiado* armada e danos orgânicos. A última coisa que me disse quando a tiraram da cela foi: *Não te preocupes rapaz, eles armazenam isto*. Inclinou a cabeça para acender um cigarro, puxou o fumo bem para o fundo de pulmões de que já não queria saber e avançou pelo corredor abaixo, como quem vai para uma reunião enfadonha. Do estreito ângulo de visão que o portão da cela me deixava, admirei o orgulho que imprimia à passada e repeti as palavras dela, num sussurro, como um mantra.

Não te preocupes, eles armazenam isto. Era um pedaço de sabedoria popular com dois soberbos gumes. Uma fé sombria na eficiência do sistema penal, e uma indicação do esquivo estado de espírito que é necessário para evitar os escolhos da psicose. O que quer que sintas, o que quer que penses, quem quer que sejas quando te armazenam, é exactamente o que serás quando regressares. O que pode ser problemático quando se trate de estados de grande emoção. Por isso deixas andar. Põe em ponto morto. Desliga-te e flutua.

Se tiveres tempo.

Vim à superfície do tanque num esbracejar desesperado, uma mão espalmada no peito à procura das feridas, a outra a agarrar uma arma que não estava lá. O peso inesperado atingiu-me com a força de um martelo e caí de novo no gel de flutuação. Agitei os braços, acabando por bater com o cotovelo num dos lados do tanque. Em sobressalto, engoli bocados de gel que me entraram pela boca. Apertei os lábios com força e consegui agarrar-me ao puxador da escotilha, mas a porcaria do gel estava por todo o lado; nos olhos, a arder-me nas narinas e na garganta, a escorregar-me debaixo dos dedos. Sentia o peso sentado no peito como numa manobra de muitos Gs, querendo fazer-me largar o puxador, arrastando-me para o

gel. O meu corpo agitou-se violentamente no interior do tanque. Gel de flutuação? Estava a *afogar-me!*

E de repente senti que me agarravam o braço com força e me levantavam, no meio de um ataque de tosse. Ao mesmo tempo que me começava a aperceber de que não tinha qualquer ferida no peito, alguém me limpou rudemente a cara com uma toalha e consegui finalmente ver. Resolvi guardar esse prazer para mais tarde, dedicando-me antes a livrar-me do gel que me entupia o nariz e a garganta. Fiquei sentado perto de meio minuto, cabisbaixo, tossindo o gel e tentando perceber porque era tudo tão pesado.

— Serviu de muito, o treino. — Era uma voz dura, masculina; o tipo de voz que costuma encontrar-se nas instituições judiciais. — Que diabos te ensinaram nos Enviados, Kovacs?

Foi quando percebi tudo. No Mundo de Harlan, Kovacs é um nome muito comum. Toda a gente sabe como se pronuncia. Este tipo não. Falava uma versão esforçada do Amanglic que se usa no Mundo, mas mesmo dando-lhe esse desconto, o estrago causado no nome era grande, a terminação soando como um «c» seco em vez do «ch» eslavo.

E tudo pesava demasiado.

A compreensão rompeu através da névoa dos sentidos como um tijolo por uma janela de vidro fosco.

Extramundo.

Num qualquer momento, alguém tinha pegado em Takeshi Kovacs (h.d.), e tinham-no transportado. E já que o Mundo de Harlan era a única biosfera habitável no sistema de Glimmer, isso significava uma *needlecast* de alcance interestelar até...

Onde?

Levantei os olhos. Brilho duro de lâmpadas de *néon* num tecto de betão. Estava sentado na escotilha aberta de um cilindro baço de metal, parecendo-me com um aviador de antanho que se tivesse esquecido de se vestir antes de trepar para o biplano. O cilindro era apenas um de entre uma vintena encostados à parede, frente a uma pesada porta de aço, fechada. O ar estava gelado e as paredes despidas de pintura. Mérito a quem o tem, ao menos no Mundo de Harlan as câmaras de imangamento apresentam-se em tons de pastel e as auxiliares são jeitosas. Ao fim e ao cabo, supõe-se que já pagaste a tua dívida para com a sociedade. O mínimo que podem fazer por ti é dar um começo soalheiro à tua nova vida.

Soalheiro não fazia parte do vocabulário da figura à minha frente. Com quase dois metros de altura, o tipo parecia ter ganho a vida a subjugar panteiras dos pântanos antes de lhe ter surgido esta nova oportunidade de emprego. Músculos inchavam-lhe peito e braços como uma couraça, e a cabeça tinha o cabelo cortado rente ao crânio, despindo uma longa cicatriz, como um relâm-

pago, que caía sobre a orelha esquerda. Envergava uma veste preta, larga, com dragonas sobre os ombros e o logótipo de uma disquete na frente. Os olhos combinavam com o fato e estavam cravados em mim com estudada calma. Depois de me ter ajudado a sentar tinha recuado até ficar fora de alcance, como manda o manual. Era alguém que já fazia isto há muito tempo.

Apertei uma narina e expeli gel pela outra.

— Quer-me dizer onde estou? Ler-me os direitos ou qualquer coisa do género?

— Kovacs, neste preciso momento não tens nenhuns direitos.

Levantei os olhos e vi que um sorriso maldoso se lhe tinha cosido ao rosto. Encolhi os ombros e limpei a outra narina.

— Posso saber onde estou?

Hesitou um momento, lançou um olhar ao tecto barrado a *néon* como se quisesse certificar-se da informação antes de a transmitir, e devolveu-me o encolher de ombros.

— ‘Tá bem. Porque não? ‘Tás em Bay City, pá. Bay City, Terra. — O trejeito de um sorriso regressou-lhe ao rosto. — Lar da Raça Humana. Queira desfrutar da sua estadia no mais antigo dos mundos civilizados. Ta-dada-DAH.

— Não desistas do emprego que te paga as contas — disse-lhe sobriamente.

A médica conduziu-me por um longo corredor pintado de branco cujo chão exibia as marcas do desgaste provocado pelas rodas de borracha das macas. Caminhava rapidamente e eu via-me atrapalhado para a acompanhar, embrulhado como estava numa toalha cinzenta e ainda a pingar gel do tanque. A sua postura era vagamente a de um médico à cabeceira do doente, deixando transparecer qualquer coisa de desinteresse. Tinha uma resma de documentação em suporte físico a encacarolar sob o braço, e mais onde ir. Perguntei-me quantos imangamentos ela faria num dia.

— Devia descansar o máximo possível nos próximos dois dias — recitou ela. — Podem manifestar-se algumas dores ou desconforto, mas é normal. Nada que um bom sono não resolva. Se os sintomas recidi...

— Eu sei. Já fiz isto antes.

Não me estava a sentir nada inclinado a fazer conversa. E tinha-me acabado de recordar da Sarah.

Paramos diante de uma porta que tinha a palavra *chuveiro* marcada no vidro fosco. A médica conduziu-me para o interior e, por momentos, ficou ali a olhar para mim.

— Também já usei chuveiros antes — garanti-lhe.

Acenou com a cabeça. — Quando tiver terminado, vai encontrar um elevador ao fundo do corredor. Para obter alta é no próximo andar. A... ah, a polícia está à espera para falar consigo.

O manual diz que se deve evitar que os recém-imagados sofram choques adrenais, mas imagino que a médica tenha lido a minha ficha e considerado que encontros com a polícia não devem ser acontecimentos muito insólitos para o meu estilo de vida. Tentei achar o mesmo.

— Que querem eles?

— Não acharam que isso fosse algo a partilhar comigo. — As palavras exibiam uma nota de frustração que ela não me devia ter mostrado. — Talvez a sua reputação o preceda.

— Talvez... — Num repente, deixei que um sorriso me moldasse o rosto. — Doutora, nunca estive aqui antes. Quer dizer, na Terra. Nunca lidei com a vossa polícia. Acha que tenho razões para me preocupar?

Olhou para mim e vi amontoarem-se-lhe nos olhos o medo misturado com a surpresa e o desprezo do reformador humano que falhou.

— Com um homem como você — consegui finalmente dizer — pensei que eles é que se deviam preocupar.

— Pois sim... — comentei discretamente.

Ela hesitou e por fim indicou-me. — Há um espelho no vestuário — e voltou costas. Olhei para o compartimento que me tinha indicado, sem saber se já estaria pronto para enfrentar o espelho.

No chuveiro, afastei a inquietação assobiando uma melodia desordenada enquanto fazia correr o sabão e as mãos pelo meu novo corpo. A manga devia andar pelos quarenta anos, *standard* do Protectorado, com a constituição de um nadador e o que me parecia ser um hábito militar gravado no sistema nervoso. Provavelmente, um aumento neuroquímico. Eu próprio cheguei a tê-lo, uma vez. Uma pressão nos pulmões sugeria um hábito de nicotina e possuía umas belíssimas cicatrizes no braço mas, excepto isso, não tinha razões de queixa. Os pequenos defeitos e senãos manifestam-se mais tarde, com o uso, e se fores fino, aprendes a viver com eles. Cada manga tem uma história. Se isso te incomoda, fazes fila à porta da Syntheta ou da Fabrikon. Já usei mangas sintéticas que cheguem na minha vida; são muito usadas nas audiências da liberdade-condicional. São baratas, mas é demasiado parecido a viver sozinho numa casa inacabada. E depois, parece que nunca conseguem acertar com os circuitos do palato. Tudo o que comemos sabe a serrim.

No banco do vestiário encontrei um fato de verão cuidadosamente dobrado e, na parede, lá estava o espelho. Sobre a pilha de roupa estava um relógio banal, de aço, que servia de pisa-papéis a um envelope branco com

o meu nome elegantemente escrito a todo o comprimento. Respirei fundo e preparei-me para enfrentar o espelho.

Essa é sempre a pior parte. Há já vinte anos que faço isto e deixa-me sempre abalado olhar para a superfície de vidro e encontrar um completo desconhecido a devolver-me o olhar. É como arrancar uma imagem das entranhas de um auto-estereograma. Num primeiro momento não vemos mais do que alguém a olhar para nós na moldura de uma janela. Depois, como numa focalização, sentimo-nos ascender rapidamente por detrás daquela máscara e aderimos ao seu interior com um choque que é quase físico. É como cortar um cordão umbilical, só que em vez de nos separar, é a sensação de alteridade que é amputada e ficamos ali, a olhar para o nosso reflexo num espelho.

Ali fiquei, secando-me com a toalha, habituando-me àquele rosto. Era um rosto essencialmente caucasiano, o que era novo para mim, e a impressão que transmitia era a de que, se havia um caminho de menor esforço através da vida, nunca o tinha pisado. Mesmo com a palidez característica da longa permanência no tanque, as feições daquele rosto no espelho conseguiram parecer envelhecidas pela adversidade. Rugas por toda a parte. O cabelo espesso, curto, era preto riscado de cinzento. Os olhos eram de um azul incerto, e havia uma cicatriz irregular e esbatida sob um deles. Ergui o antebraço esquerdo e admirei a história escrita aí, perguntando-me se haveria ligação entre as duas.

O envelope que estava debaixo do relógio continha uma simples folha de papel impresso. Assinatura manuscrita. Muito fino.

Bom, estás na Terra. O mais antigo dos mundos civilizados. Encolhi os ombros e passei os olhos pela carta. Depois vesti-me, dobrei-a e guardei-a no bolso do meu fato novo. Com uma última olhadela ao espelho, apertei a correia do relógio e preparei-me para o encontro com a polícia.

Eram quatro e um quarto, hora local.

A médica estava à minha espera, sentada por detrás do longo balcão curvo da recepção, preenchendo formulários num computador. Um homem magro, de aspecto severo e envergando um fato preto estava de pé ao seu lado. Não havia mais ninguém na divisão.

Olhei em redor e voltei-me para o *fato*.

— É você o polícia?

— Estão lá fora — apontou para a porta. — Aqui não têm jurisdição. Precisam de um mandado especial para cá entrar. E temos a nossa própria segurança.

— E você é...?

Olhou para mim com a mesma mescla de emoções com que a médica me tinha brindado lá em baixo.

— Director Sullivan, chefe executivo da Central de Bay City, as instalações que está prestes a abandonar.

— Não parece satisfeito por se ver livre de mim.

Sullivan atravessou-me com o olhar.

— Você é um recidivista, Kovacs. Nunca compreendi o desperdício de boa carne e sangue com tipos como você.

Levei uma mão a tocar a carta que tinha enfiado no bolso do peito.

— Ainda bem que o senhor Bancroft não concorda consigo. Aliás, deve ter mandado uma limusina para me recolher. Também está lá fora?

— Não espereitei.

Algures no balcão ouviu-se uma campainha protocolar. A médica tinha acabado de introduzir os dados no computador. Arrancou a parte picotada do papel impresso, rabiscou umas quantas rubricas e passou-o a Sullivan. O director inclinou-se sobre o papel, analisando-o com olhos semicerrados antes de rabiscar uma assinatura e entregar-me o documento.

— Takeshi Lev Kovacs — proferiu, com a mesma habilidade demonstrada pelo sicário na câmara do tanque para pronunciar o meu nome. — No uso dos poderes que me são conferidos pelo Pacto de Justiça da ONU, entrego-o em regime de aluguer a Laurens J. Bancroft, por um período não superior a seis semanas, findo o qual o seu estatuto processual, no que respeita ao regime da liberdade condicional, será reavaliado. Faça o favor de assinar aqui.

Aceitei a caneta e assinei o meu nome na escrita de outrem junto do dedo do director. Sullivan separou as duas partes do documento e entregou-me o duplicado cor-de-rosa. A médica estendeu-lhe uma segunda folha.

— Isto é um certificado médico, onde consta que Takeshi Lev Kovacs (h.d.) chegou intacto da Administração de Justiça do Mundo de Harlan e foi subsequentemente imangado neste corpo. Testemunhado por mim própria e por monitor de circuito fechado. Encontra-se anexa uma cópia em disco dos pormenores da transmissão e dos dados do tanque. Faça o favor de assinar a declaração.

Olhei para cima e procurei em vão qualquer sinal das câmaras. Mas não valia a pena discutir por isso. Desenhei outra vez a minha nova assinatura.

— Isto é uma cópia do contrato de aluguer que o vincula. Leia-o atentamente. O incumprimento de qualquer das suas cláusulas poderá acarretar o seu imediato retorno ao armazenamento a fim de completar a totalidade da sentença, seja aqui ou noutras instalações a indicar pela Administração. Compreende as condições e aceita vincular-se a elas?

Peguei na papelada e li-a por alto. Era a palha do costume. Uma versão modificada dos acordos de condicional que já tinha assinado uma dúzia de vezes no Mundo de Harlan. A linguagem era um bocado mais seca, mas o conteúdo era o mesmo. Tretas, chame-se-lhe o que se quiser. Assinei sem sequer pestanejar.

— Muito bem. — Sullivan parecia ter perdido um bocado da sua frieza. — É um homem de sorte, Kovacs. Não desperdice a oportunidade.

Será que nunca se cansam de dizer o mesmo?

Dobrei os papéis que me tinham dado sem dizer uma palavra e enfi-os no bolso, junto da carta. Estava prestes a sair quando a médica se levantou e me estendeu um pequeno cartão branco.

— Senhor Kovacs.

Detive-me.

— Não deve ter quaisquer problemas em ajustar-se — disse ela. — Este é um corpo saudável e você está habituado ao procedimento. Mas se *tiver* qualquer problema grave, ligue para este número.

Estendi uma mão e recebi o pequeno rectângulo de cartão com uma precisão mecânica de que não me tinha apercebido antes. O *neurachem* estava a começar a pegar. Pus o cartão no mesmo bolso do resto dos papéis e voltei-me, atravessando a recepção e saindo pela porta sem mais uma palavra. Deselegante, talvez, mas não me parecia que alguém naquele edifício já me tivesse merecido qualquer gratidão.

É um homem de sorte, Kovacs. Pois sim. A cento e oitenta anos-luz de casa, e enfiado no corpo de outro gajo qualquer, preso num contrato de aluguer por seis semanas. Fretado para fazer um trabalhinho em que a polícia local não queria tocar nem com um bastão de controlo de motins. Falhanço e de regresso ao armazém. Sentia-me com tanta sorte que era capaz de cantar.

CAPÍTULO DOIS

O hall exterior era enorme e estava praticamente vazio. Fazia lembrar-me o terminal ferroviário de Millsport, lá no meu mundo de origem. Debaixo do telhado inclinado, todo ele de longos painéis transparentes, o pavimento de vidro fundido fulgia em tons de âmbar ao sol do entardecer. Um par de

miúdos brincava com as portas automáticas da saída e via-se um solitário robô de limpeza que farejava atrás de sujidade à sombra de uma parede. Tudo o mais era imobilidade. Encalhada nos bancos de madeira antiga, uma mão-cheia de humanidade esperava ansiosa e em silêncio, que amigos ou familiares surgissem dos seus exílios de carbono alterado.

Central de Descarga.

Estas pessoas não reconheceriam os entes queridos nas suas novas mangas; reconhecer cabia àqueles que regressavam e, para os que aguardavam, a ânsia do reencontro estaria marcada pelo calado receio dos rostos e dos corpos que teriam de aprender a amar. Ou podia acontecer que fossem umas quantas gerações mais novas, aguardando parentes que não passavam de vagas memórias da infância ou antepassados da família. Conheci um tipo no Corpo, Murakami, que estava à espera da libertação de um bisavô que tinha sido arrumado há mais de um século. Ia apresentar-se em Nova Peste com um litro de *whisky* e um taco de bilhar à guisa de boas-vindas. Tinha crescido a ouvir histórias do bisavô nos salões de jogos de Kanagawa. O velho tinha sido arrumado ainda Murakami não era nascido.

Dei pela minha comissão de recepção enquanto descia a escadaria que dava para o coração do hall. Três silhuetas altas estavam reunidas junto a um dos bancos, movendo-se de forma inquieta nos raios enviesados do sol, perturbando o movimento das partículas de pó em suspensão. Uma quarta figura estava sentada, de braços cruzados sobre o peito e pernas esticadas. Os quatro usavam óculos de sol espelhados o que, à distância, dissolvia os seus rostos numa mesma máscara.

Já apontado à porta não fiz qualquer esforço para me dirigir a eles, e tal facto deve ter-lhes ocorrido já eu ia a meio do caminho. Dois deles moveram-se de modo a interceptar-me, exibindo a calma de grandes felinos que tinham acabado de ser alimentados. Encorpados e com aspecto duro, cabelo cuidadosamente cortado à moicano, puseram-se à minha frente, não me deixando outra alternativa que não fosse parar ou desviar-me abruptamente deles. Parei. Recém-chegado e recém-imangado não é a melhor condição para se estar se vamos irritar a guarda local. Exibi o meu segundo sorriso do dia.

— Posso ajudá-los em alguma coisa?

O mais velho dos dois acenou-me vagamente com um distintivo que arrumou de imediato como se temesse que o ar o enferrujasse.

— Polícia de Bay City. A tenente quer falar consigo. — A frase soou-me inacabada, como se o tipo tivesse de se esforçar para não lhe acrescentar um epíteto qualquer. Fiz por parecer que estava a ponderar se devia acompanhá-los ou não, mas tinham-me onde queriam, e sabiam

disso. Uma hora depois de saíres do tanque ainda não conheces suficientemente bem o teu novo corpo para te meteres em pancadarias. Bloqueei as imagens da morte de Sarah e deixei que me pastorassem até ao bófia sentado.

A tenente era uma mulher na casa dos trinta. Por baixo das lentes douradas dos óculos tinha os malares de um qualquer antepassado ameríndio, e o traço largo dos lábios desenhava uma linha sardónica. Os óculos assentavam num nariz que podia servir para abrir conservas. Cabelo curto e mal cuidado emoldurava-lhe o rosto e espalhava-se em espigões sobre a testa. Estava embrulhada num casacão de combate demasiado grande para ela, mas as pernas longas e vestidas de preto que espreitavam do casaco permitiam adivinhar o corpo ágil que se aninhava no interior. Fixou-me por mais de um minuto, os braços cruzados sobre o peito, antes que alguém dissesse fosse o que fosse.

— É Kovacs, certo?

— Sim.

— Takeshi Kovacs? — A pronúncia era perfeita. — Do Mundo de Harlan? Millsport, via central de armazenamento de Kanagawa?

— Fazemos assim, se se enganar em alguma coisa digo-lhe.

Gerou-se uma longa pausa de lentes espelhadas. A tenente endireitou-se ligeiramente e examinou o gume de uma das mãos.

— Tem licença para esse sentido de humor, Kovacs?

— Lamento, deixei-a em casa.

— E o que o traz à Terra?

Fiz um gesto de impaciência.

— Ouça, vocês já sabem isso tudo. Caso contrário não estariam aqui. Tem alguma coisa para me dizer ou trouxe os miúdos em passeio de escola?

Senti imediatamente uma mão fechar-se-me com força no braço e retesei o corpo. A tenente fez um gesto quase imperceptível com a cabeça e o bófia por trás de mim largou-me de imediato.

— Calminha Kovacs. Estou só a fazer conversa. Sei muito bem que o Laurens Bancroft te arrancou do armazenamento. Para dizer a verdade, estou aqui para te oferecer uma boleia até à residência Bancroft. — Endireitou-se de repente e levantou-se. De pé era quase tão alta como a minha nova manga. — Chamo-me Kristin Ortega, Divisão de Danos Orgânicos. Bancroft era um caso meu.

— Era?

Acenou com a cabeça.

— Caso encerrado, Kovacs.

— Isso é algum tipo de aviso?

— Não. Tão só um facto. Suicídio puro e simples.

— Parece que o Bancroft não vai nessa. Diz que foi assassinado.

— Ouvi dizer que sim. — Ortega encolheu os ombros. — É uma prerrogativa dele. Acho que deve ser difícil para alguém como ele acreditar que arrebentou com a própria cabeça.

— Alguém como quê?

— Não me venha com...

Interrompeu-se e desenhou um breve sorriso.

— Peço desculpa, esqueci-me...

— Esqueceu-se de quê?

Mais uma pausa, e aquela era a primeira vez que Kristin Ortega parecia estar pouco à vontade desde que se tinha apresentado. Uma certa hesitação transparecia na voz quando voltou a falar.

— Que não é daqui.

— E quê?

— E então que qualquer pessoa daqui sabe que tipo de homem é Laurens Bancroft. Só isso.

Sem saber porque havia alguém de mentir de forma tão inepta a quem mal conhece, tentei pô-la novamente à vontade.

— Um tipo rico — arrisquei. — Poderoso.

Esboçou um sorriso.

— Vai ver como é. E então, quer a boleia ou não?

A carta que tinha no bolso dizia que um *chauffeur* estaria à minha espera à saída do terminal. Bancroft não tinha dito nada sobre a polícia. Encolhi os ombros.

— Nunca recusei uma borla.

— Ótimo. Vamos, então?

Os bófiás caminharam ao meu lado até à porta e saíram à minha frente, tal qual guarda-costas profissionais, cabeças inclinadas para trás e óculos espelhados atentos. Ortega e eu avançamos juntos pela porta e o calor do sol acertou-me em cheio na cara. Semicerrei os novos olhos contra a claridade e apercebi-me da presença de edifícios angulosos para lá das cercas de arame verdadeiro do outro lado de uma pista de aterragem muito mal cuidada. Eram estruturas estéreis, de branco sujo, quase de certeza pré-milenais. Nos espaços entre as paredes monocromáticas podia ver partes de uma ponte de ferro cinzento que se derramava fora de vista. Uma colecção igualmente monótona de veículos aéreos e terrestres espalhava-se em linhas pouco exigentes. Uma súbita revoada de vento trouxe-me o odor das ervas que cresciam nas falhas da pista. À distância ouvia o zumbido familiar do trânsito, mas tudo o mais tinha o aspecto de uma reconstrução histórica foleira.

—... e digo-vos que existe apenas *um* juiz! Não dêem ouvidos aos homens de ciência quando vos dizem que...

O grasnar do amplificador mal calibrado chegou até nós logo que descemos as escadas à saída. Espreitei para o outro lado da zona de aterragem e vi uma multidão reunida em torno de um tipo vestido de preto que se empoleirava sobre um contentor. Cartazes holográficos pairavam de forma errática sobre as cabeças da multidão. NÃO À RESOLUÇÃO 653!! SÓ DEUS PODE RESSUSCITAR!! T.H.D.= M.O.R.T.E. Exclamações e aplausos abafaram o orador.

— Quem são aqueles?

— Católicos — respondeu Ortega, franzindo os lábios. — Uma seita religiosa antiga.

— A sério? Nunca tinha ouvido falar.

— É normal que não. Eles acreditam que não é possível digitalizar um ser humano sem que se perca a alma.

— Então não pode ser uma fé muito divulgada.

— Só na Terra — observou amargamente. — Acho que o Vaticano – é a igreja central deles – financiou umas quantas crio-naves para Starfall e Latimer.

— Já estive em Latimer e nunca dei de caras com nada disto.

— As naves só zarparam na viragem do século, Kovacs. Ainda vão levar mais umas décadas até chegarem lá.

Contornamos o ajuntamento e uma rapariga nova, com o cabelo penteado para trás de forma severa, estendeu-me um folheto. O gesto foi tão brusco que disparou os reflexos ainda instáveis da manga e antes que me pudesse controlar estava a executar um gesto de bloqueio. A rapariga manteve o folheto estendido com ar reprovador e eu aceitei-o com um sorriso de desculpa.

— Não têm o direito — disse a rapariga.

— Ah, de acordo...

— Só Deus nosso Senhor pode salvar a nossa alma.

— Eu... — desta vez Ortega estava a agarrar-me por um braço com firmeza e a afastar-me dali, deixando transparecer bastante prática. Libertei o braço educadamente, mas de forma não menos firme.

— Estamos com pressa?

— Acho que temos coisas mais importantes para fazer, sim — disse ela, lábios renhidos enquanto olhava para os colegas que se ocupavam a recusar panfletos.

— E se eu quisesse ficar a falar com ela?

— Ah, sim? A mim deu-me a impressão de que lhe querias esmagar a garganta.

— Isso foi a manga. Acho que deve ter tido algum condicionamento neuroquímico e ela despoletou-o. Sabe como é, a maior parte das

pessoas descansa algumas horas depois da descarga. Estou um bocado tenso.

Olhei para o folheto que tinha na mão. Exigia-me retoricamente que lhe respondesse se PODE UMA MÁQUINA SALVAR-LHE A ALMA? A palavra «máquina» estava impressa num tipo de letra que se pretendia semelhante ao de um computador arcaico. «Alma» deslizava suavemente pela página em letras estereográficas. Voltei o folheto para ler a resposta.

NÃO!!!!

— Ora bem, suspensão criogénica vale, mas transporte humano digital já não? Interessante. — Voltei a olhar para os cartazes resplandecentes, pensativo. — O que é a Resolução 653?

— É um caso inédito que está a ser apreciado no Tribunal da ONU — respondeu Ortega resumidamente. — O gabinete do promotor-público de Bay City quer intimar um católico que está em armazenamento. É uma testemunha fundamental. O Vaticano diz que ela já está morta e nas mãos do Senhor. Dizem que é blasfémia.

— ‘Tou a ver. Portanto você não tem dúvidas sobre esta matéria.

Ortega deteve-se e encarou-me de frente.

— Kovacs, odeio estes malditos idiotas. Têm estado a massacrar-nos durante a maior parte dos últimos dois mil e quinhentos anos. Foram responsáveis por mais miséria e sofrimento do que qualquer outra organização na História. Eles nem deixam os próprios aderentes ter *controlo de natalidade*, por amor de Deus, e estiveram sempre contra qualquer avanço significativo da medicina nos últimos quinhentos anos. Provavelmente, a única coisa que se pode dizer em abono deles é que a forma como encaram o t.h.d. os impediu de se espalharem com o resto da humanidade.

A minha boleia acabou por revelar ser um velho transporte de tropas Lockheed-Mitoma, de aspecto gasto mas inegavelmente eficiente, pintado naquilo que presumo serem as cores da polícia por estas bandas. Já tinha pilotado Lock-Mits em Sharya, mas esses estavam completamente pintados de negro mate, reflector de radar. Em comparação, as listas vermelhas e brancas deste eram verdadeiramente espalhafatosas. O piloto estava sentado na cabina, imóvel, os olhos cobertos por uns óculos de sol condizentes com os da pandilha da Ortega. A escotilha na barriga do aparelho já estava aberta. Ortega deu uma pancada com a mão na escotilha e as turbinas despertaram imediatamente com um sopro sussurrante.

Ajudei um dos moicanos a puxar a escotilha para baixo e, equilibrando-me contra a rápida ascensão do aparelho, dirigi-me para um assento à janela. Enquanto subíamos em espiral, dobrei o pescoço de forma a poder acompanhar com os olhos a multidão lá em baixo. O transporte endireitou-se ao fim de uma centena de metros e inclinou ligeiramente o

nariz. Deixei-me relaxar nos braços do automolde e dei com Ortega a observar-me atentamente.

— Ainda curioso, não?

— Sinto-me como um turista. É capaz de me responder a uma pergunta?

— Se souber.

— Bom, se estes tipos não têm controlo de natalidade, então tem de haver uma data deles por aí, certo? E a Terra não é propriamente um exemplo de dinamismo nos dias que correm, assim que... Por que não são eles a mandar?

Ortega e os subordinados trocaram uma série de sorrisos desagradáveis.

— Armazenamento — explicou o moicano à minha esquerda.

Dei uma palmada no cachaço, e só depois me perguntei se o gesto também seria usado por aqui. Ao fim e ao cabo, era a localização normal para uma pilha cortical, mas os maneirismos culturais nem sempre obedecem a esta lógica.

— Armazenamento. Claro. — Olhei em volta, para todos eles. — Não há tratamento de excepção para eles?

— Nã. — Esta pequena troca de impressões parecia ter feito de nós compinchas. Estavam a descontraír-se. O mesmo moicano acrescentou: — Dez anos, ou três meses, para eles é exactamente a mesma coisa. Uma sentença de morte. Nunca saem da pilha. É giro, não é?

Concordei com a cabeça.

— Prático. E os corpos?

O tipo à minha frente fez o gesto de quem deita alguma coisa fora.

— Vendidos, usados para transplantes... Depende da família.

Voltei a cara e olhei pela janela.

— Algum problema, Kovacs?

Encarei Ortega com um sorriso novinho em folha colado na cara. Estava a ficar bastante bom com esse tipo de sorriso.

— Não, nenhum. Estava só a pensar. É como se fosse um planeta completamente diferente.

Isso fê-los desatar à gargalhada.

*Suntouch House
2 de Outubro*

*Takeshi-san,
Quando receber esta carta, estará certamente um pouco desorientado.*

Apresento-lhe as minhas sinceras desculpas por tal facto, mas garantiram-me que o treino que recebeu no Corpo de Enviados lhe permitiria lidar facilmente com a situação. Da mesma forma, garanto-lhe que nunca o faria passar por isso caso não me encontrasse, eu próprio, numa situação verdadeiramente desesperada.

Chamo-me Laurens Bancroft. Vindo das colónias, isso pode não significar nada para si. Basta, assim, que lhe diga que sou um homem rico e influente aqui na Terra, e como consequência de tal facto, granjeei inúmeros inimigos. Há seis semanas atrás fui assassinado, um acto que a polícia, por motivos insondáveis, preferiu encarar como tratando-se de suicídio. Dado que os assassinos, em última instância, falharam, devo dar como assente que não se coibirão de tentar novamente no que, face à posição assumida pelas autoridades, podem vir a ser bem-sucedidos.

Certamente interrogar-se-á sobre o que tem a ver com tudo isto, e porque foi arrastado cento e oitenta e seis anos-luz, e descarregado do armazenamento para lidar com uma situação de âmbito claramente local. Fui aconselhado pelos meus advogados a contratar um investigador privado mas, dada a minha proeminência na comunidade global, não me é permitido depositar confiança em alguém que possa ser contactado localmente. O seu nome foi-me indicado por Reileen Kawahara, para quem, julgo saber, prestou alguns serviços em Nova Pequim há oito anos. O Corpo de Enviados conseguiu localizá-lo em Kanagawa menos de quarenta e oito horas depois da minha solicitação quanto ao seu paradeiro, embora, face à sua desmobilização e subsequentes actividades, não se mostrassem dispostos a oferecer quaisquer garantias operacionais ou legais. Deduzo, portanto, que se encontra por sua própria conta.

Os termos ao abrigo dos quais providenciei a sua libertação são os seguintes:

Será contratado para trabalhar por minha conta por um período de seis semanas, renovável unilateralmente findo esse termo, caso se revele necessária a prossecução do trabalho. Durante esse período, assumirei todas as despesas que resultarem de forma razoável da sua investigação. Adicionalmente, suportarei os custos de aluguer de uma manga pela totalidade de tal período. No caso de concluir com sucesso a sua investigação, o remanescente da sua sentença de armazenamento em Kanagawa – cento e dezassete anos e quatro meses – será anulada e você será reenviado para o Mundo de Harlan para libertação imediata numa manga à sua escolha. Em alternativa, e caso opte por tal solução, comprometo-me a satisfazer o remanescente da hipoteca da manga que presentemente utiliza aqui na Terra, permitindo-lhe naturalizar-se cidadão das Nações Unidas. Em qualquer das hipóteses ser-lhe-á creditada a quantia de cem mil dólares-ONU, ou o equivalente em moeda da sua escolha.

Creio que estas são condições bastante generosas, embora julgue oportuno acrescentar que não sou do tipo de homem que tolera o desperdício do seu tempo.

Caso a sua investigação se venha a revelar infrutífera e eu acabe por ser morto, assim como no caso de tentar, por qualquer meio, iludir ou incumprir os termos deste contrato, o aluguer da manga será imediatamente anulado e você será enviado de volta para armazenamento de forma a cumprir a sua sentença aqui na Terra. Quaisquer outras consequências legais que resultem da sua posterior actuação, poderão ser acrescentadas à totalidade da sua pena. Caso opte, desde já, por não aceitar estas condições, será devolvido imediatamente para armazenamento, embora neste último caso não me seja possível custear o seu transporte para o Mundo de Harlan.

Albergo a esperança de que encare este contrato como uma oportunidade e aceite trabalhar para mim. Antecipando tal facto, providenciei o envio de um motorista que o recolherá na central de armazenagem. Chama-se Curtis e é um dos meus funcionários de maior confiança. Estará à sua espera no hall de descarga.

Aguardo ansiosamente por recebê-lo em Suntouch House.

*Com os melhores cumprimentos,
Laurens J. Bancroft*

CAPÍTULO TRÊS

Suntouch House tinha o nome certo. Ao sairmos de Bay City sobrevoamos a costa descendo quase meia hora rumo a sul, altura em que a modificação do ruído do motor me avisou de que estávamos próximos do nosso destino. Nessa altura, com o Sol a cair sobre o mar, a luz que atravessava as janelas do lado direito tinha já uma tépida tonalidade dourada. Espreitei pela janela logo que começamos a descer e vi como as ondas eram cobre fundido e o céu puro âmbar. Era como aterrar num frasco de mel.

O transportador inclinou-se de lado, começando a descer, permitindo-me uma panorâmica da propriedade de Bancroft. Estendia-se desde o mar numa cuidada mistura de tons de verde e saibro, rodeando uma ampla mansão com cobertura de telha, grande o suficiente como para albergar um pequeno exército. As paredes eram brancas, a cobertura coral, e o exército, a existir, estava cuidadosamente escondido. Aliás, se Bancroft tinha manda-

do instalar algum sistema de segurança, este era bastante discreto. Quando descemos ainda mais, apercebi-me do ligeiro turvar do ar provocado por uma cerca energética que se estendia ao longo de um dos extremos da propriedade. Era fraca o suficiente para não distorcer demasiado a paisagem que se apreciava desde a casa. Fixe.

A pouco mais de uma dúzia de metros de um dos imaculados relvados, o piloto activou o travão de aterragem com uma violência que me pareceu verdadeiramente descabida. O transporte foi sacudido de uma ponta a outra e pousamos pesadamente por entre um turbilhão de torrões de terra e relva.

Lancei um olhar reprovador a Ortega que ela muito superiormente ignorou. Limitou-se a abrir a escotilha e a descer do aparelho. Momentos depois juntava-me a ela no relvado danificado. Remexendo num bocado de relva com a ponta do sapato, elevei a voz de forma a fazer-me ouvir sobre o rugido das turbinas. — Para que diabos foi aquilo? Estão lixados com o Bancroft por ele não engolir a história do suicídio?

— Não. — Ortega apreciou a casa à nossa frente como se estivesse a pensar mudar-se para lá. — Não, não é por isso que estamos lixados com o senhor Bancroft.

— E posso saber porquê, então?

— Você é que é o detective.

Uma mulher jovem surgiu de um dos lados da casa, raquete de ténis numa das mãos, e começou a atravessar o relvado em direcção a nós. Quando estava a cerca de vinte metros deteve-se, segurando a raquete debaixo do braço, e uniu as mãos em concha em torno da boca.

— É o Kovacs?

Era bonita, de uma beleza de sol, areia e mar que os calções de desporto e o *top* que vestia tornavam ainda mais evidente. O cabelo louro acariciava-lhe os ombros e, ao gritar, descobriu um relâmpago de dentes muito brancos. O suor que lhe perlava o sobrolho atestava que as bandas elásticas na testa e pulsos não eram meramente decorativas. As pernas exibiam músculos finamente tonificados e os bíceps eram evidentes quando erguera os braços. Seios exuberantes esforçavam o tecido do *top*. Questionei-me sobre se o corpo seria mesmo dela.

— Sou — gritei-lhe em resposta. — Takeshi Kovacs. Fui descarregado hoje à tarde.

— Deviam ir ter consigo ao centro de armazenagem. — Era como uma acusação. Abri os braços, candidamente.

— Bom. E vieram.

— Não era propriamente a *polícia*. — Avançou na nossa direcção, olhos cravados principalmente em Ortega. — Você. Eu conheço-a.

— Tenente Ortega — respondeu ela, como se estivesse numa festa ao ar livre. — Bay City. Divisão de Danos Orgânicos.

— Sim, já me recordo... — O tom era claramente hostil. — Presumo que tenha sido você quem arranhou as coisas de maneira a que o nosso *chauffeur* fosse interceptado por causa de uma qualquer infracção ao regu-lamento de emissões.

— Não, isso é com o Controlo de Tráfego, minha senhora — respon-deu a detective educadamente. — Não tenho qualquer jurisdição nessa área. A mulher à nossa frente sorriu com sarcasmo.

— Oh, estou certa de que não, tenente. E tenho a certeza de que tam-bém nenhum amigo seu trabalha lá. — A voz tornou-se condescendente. — Vamos tê-lo cá fora ainda antes do anoitecer, sabe disso não sabe?

Olhei de lado para ver a reacção de Ortega, mas não houve nenhu-ma. O perfil de falcão permaneceu perfeitamente impassível. Mais preocu-pante era o sorriso sarcástico da outra mulher. Era uma expressão feia, uma expressão que pertencia a uma outra face, uma face mais velha.

Numa posição recuada, perto da casa, estavam dois matulões com armas automáticas a tiracolo. Tinham-se mantido sob os algerozes desde a nossa chegada, observando, mas agora separavam-se calmamente da som-bra e caminhavam na nossa direcção. Pelo ligeiro alargar dos olhos da jo-vem deduzi que os tivesse chamado através de um micro interno. Prático. No Mundo de Harlan as pessoas ainda se mostram um bocado adversas a enfiar *hardware* no corpo, mas tinha a impressão de que na Terra a coisa era totalmente diferente.

— Não é bem-vinda aqui, tenente — disse a jovem num tom de voz glacial.

— Estava de saída, minha senhora — retorquiu Ortega. Deu-me uma inesperada pancadinha no ombro e dirigiu-se para o transporte num passo tranquilo. A meio caminho parou e voltou-se para trás.

— É verdade, Kovacs. Quase me esquecia. Vai precisar deles.

Mergulhou a mão no bolso do peito e atirou-me uma embalagem pe-quena. Apanhei-a sem pensar e olhei para a minha própria mão. Cigarros.

— Vemo-nos por aí.

Trepou para o transporte e fechou a escotilha com força. Através do vidro vi-a olhar para mim. O transporte elevou-se com o repulsor no má-ximo a pulverizar o solo e a rasgar uma ferida no relvado enquanto ma-nobrava para oeste, em direcção ao oceano. Ficamos a vê-lo afastar-se até desaparecer de vista.

— Encantadora — comentou a mulher ao meu lado, falando mais para si do que para mim.

— Senhora Bancroft?

Voltou-se para mim. Pela expressão do seu rosto, não era mais bem-vindo ali do que Ortega. Ela tinha visto o gesto de camaradagem da tenente e os lábios crispavam-se reprovadores.

— O meu marido enviou um carro para o recolher, senhor Kovacs. Porque não aguardou?

Peguei na carta que o Bancroft me tinha escrito.

— Diz aqui que o carro estaria à minha espera. Não estava.

Tentou tirar-me a carta da mão e eu tirei-lha do alcance. Ficou a olhar para mim, corada, os seios a subir e a descer, provocantes. Quando enfiam um corpo no tanque ele continua a produzir hormonas tal como se só estivesse adormecido. Tornei-me subitamente consciente de ostentar um tesão como uma mangueira no máximo de pressão.

— Devia ter aguardado.

Tinha lido em qualquer lado que a gravidade no Mundo de Harlan era de cerca de 0,80 g. Voltei a sentir-me incompreensivelmente mais pesado. Expeli o ar com dificuldade.

— Senhora Bancroft, se tivesse esperado, ainda lá estava agora. Acha que podemos entrar?

Os olhos alargaram-se um pouco, e pude ver neles quão velha realmente era. Desviou o olhar e recompôs-se. Quando voltou a falar, a sua voz tinha-se suavizado.

— Peço desculpa, senhor Kovacs. Esqueci-me das minhas maneiras. Como pôde ver, a polícia não foi nada compreensiva. Tem sido tudo muito perturbante, e sentimo-nos todos um bocado enervados. Se consegue imaginar...

— Não tem que se explicar.

— Mas devo-lhe as minhas desculpas. Não costumo ser assim. Nenhum de nós costuma. — Esboçou um gesto abrangente, como se quisesse dizer que os dois guardas armados por trás dela andassem normalmente com ramos de flores. — Aceite as minhas desculpas, por favor.

— Com certeza.

— O meu marido está à sua espera no salão com vista para o mar. Vou levá-lo lá, imediatamente.

O interior da casa era leve e arejado. Uma empregada veio ter connosco à entrada da varanda e recebeu a raquete de ténis da senhora Bancroft sem uma palavra. Atravessamos uma entrada em mármore carregada de obras de arte que, na minha perspectiva de leigo, pareciam bastante antigas. Esboços de Gagarine e Armstrong, representações empatistas de Konrad Harlan e Angin Chandra. No outro extremo da galeria, sobre um pedestal,

estava algo que se assemelhava a uma árvore estreita talhada em fragmentos de pedra vermelha. Parei junto dela, obrigando a senhora Bancroft a voltar atrás quando já estava a virar à esquerda.

— Gosta? — perguntou.

— Muito. É de Marte, não é?

Pelo canto do olho captei uma súbita mudança na expressão do rosto da senhora Bancroft. Estava a reavaliar-me. Voltei-me para a olhar directamente nos olhos.

— Estou impressionada — disse ela.

— É costume as pessoas ficarem impressionadas. E às vezes também faço malabarismos.

Olhou para mim inquisitiva.

— Sabe mesmo o que isto é?

— Francamente, não. Já me interessei por arte estrutural. Reconheço o tipo de pedra por fotografias, mas...

— É uma cantaespiral. — Aproximando-se mais, deixou que os dedos corressem por um dos galhos altivos. Um ténue sussurro despertou da árvore e um perfume semelhante a cerejas e mostarda espalhou-se pelo ar.

— Está viva?

— Ninguém sabe. — Mostrava agora um entusiasmo na voz que me fez gostar mais dela. — Em Marte chegam a crescer até à centena de metros de altura, e às vezes são tão largas à altura da raiz como esta casa. Conseguem-se ouvi-las a cantar a quilómetros de distância. O perfume também se sente ao longe. Através dos padrões de erosão, pensa-se que a maior parte delas tem pelo menos dez mil anos de idade. É possível que esta tenha andado por aqui desde a fundação do Império Romano.

— Deve ter ficado por um balúrdio. Quer dizer, trazê-la para a Terra.

— O dinheiro não é um problema, senhor Kovacs. — A máscara estava outra vez posta. Tempo de continuar.

Avançamos em passo rápido através do corredor da esquerda, talvez para compensar a nossa inesperada paragem. A cada passo, os seios da senhora Bancroft sacudiam-se sob o tecido fino do *top*, e eu tentei demonstrar algum interesse pelas peças de arte do outro lado do corredor. Mais trabalho empatista, Angin Chandra com a mão fina a repousar sobre o falo agressivo de um foguetão. Nada muito interessante.

O salão voltado para o mar ficava no extremo da ala oriental da casa. A senhora Bancroft fez-me entrar por uma porta discreta, em madeira, e o sol bateu-nos de frente na cara.

— Laurens. Este é o senhor Kovacs.

Levei uma mão a proteger os olhos do sol e vi que o salão tinha um

piso superior que dava acesso a uma sacada através de vidraças corrediças. Um homem estava ali encostado ao murete. Deve ter-nos ouvido entrar; para dizer a verdade, deve ter ouvido a chegada do veículo da polícia e deve ter percebido imediatamente o que se passava. E no entanto deixara-se ficar ali, a olhar para o mar. Às vezes, regressar dos mortos faz um tipo sentir-se assim. Ou talvez fosse só arrogância. A senhora Bancroft fez-me sinal com a cabeça para avançar, e subimos umas escadas feitas da mesma madeira da porta. Reparei então que as paredes do salão estavam cobertas de cima a baixo com prateleiras carregadas de livros. O sol pintava-lhes as lombadas com um brilho alaranjado.

Só quando saímos para o terraço é que Bancroft se voltou para nós. Tinha um livro fechado na mão, um dedo a marcar a página que estava a ler.

— Senhor Kovacs. — Passou o livro para a outra mão de modo a poder cumprimentar-me. — É um prazer conhecê-lo finalmente. Que acha da nova manga?

— É porreira. Confortável.

— Óptimo. Não me imiscuí demasiado nos pormenores, mas dei instruções aos meus advogados para obterem algo... adequado. — Lançou um olhar sobre o ombro, como se procurasse o carro-patrolha de Ortega no horizonte. — Espero que a polícia não tenha sido demasiado intrometida.

— Para já, não.

Bancroft tinha o aspecto de Alguém Que Lê. Há um famoso actor de expéria no Mundo de Harlan chamado Alain Marriott, conhecido sobretudo pelo seu papel de um jovem e viril filósofo quellista que rompe as correntes da brutal tirania dos primeiros anos da Colonização. É duvidoso que seja um retrato fiel do que são os quellistas, mas é um bom filme. Vi-o duas vezes. Bancroft parecia-se imenso com uma versão mais velha de Marriott nesse papel. Magro e elegante, uma cabeleira completa de cabelo cinzento metalizado puxada para trás num rabo-de-cavalo, e olhos negros, duros. O livro que tinha na mão, e as prateleiras que o rodeavam, eram como uma extensão perfeitamente natural da mente prodigiosa que espreitava por trás daqueles olhos.

Bancroft tocou no ombro da mulher com uma casualidade impessoal que, no estado em que me encontrava, me fez sentir vontade de chorar.

— Era outra vez aquela mulher — disse a senhora Bancroft. — A tenente.

Bancroft assentiu com a cabeça.

— Não te preocupes com isso, Miriam. Andam só a farejar. Avisei-os de que ia fazer isto, e resolveram ignorar-me. Pois bem, agora o senhor Kovacs está aqui, e finalmente vêem-se forçados a levar-me a sério.

Voltou-se para mim.

— A polícia não tem sido muito prestável para comigo no que respeita e todo este assunto.

— Pois. É por isso que estou aqui, ao que parece.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto procurava decidir se estava ou não zangado com este tipo. Tinha-me arrastado desde o outro lado do universo colonizado, enfiado num corpo novo e proposto um negócio estruturado de tal forma que eu não podia recusar. Os ricos têm a mania de fazer isso. Têm poder, e não vêem qualquer razão para não o utilizar. Homens e mulheres não passam de mercadoria, como tudo o resto. Arma-zena-os, transporta-os, decanta-os. Assine em baixo, por favor.

Por outro lado, ainda ninguém em Suntouch House tinha pronunciado incorrectamente o meu nome e eu também não tinha qualquer escolha. E havia o dinheiro a ponderar. Cem mil dólares-ONU eram seis ou sete vezes o que eu e a Sarah esperávamos ganhar com o trabalhinho do *wetware* em Millsport. Dólares-ONU, a moeda mais forte que havia, aceite em qualquer mundo do Protectorado.

Só por isso já valia a pena um tipo conter-se.

Bancroft voltou a tocar casualmente na esposa, desta vez na cintura, fazendo-lhe sinal que saísse.

— Miriam, podes deixar-nos a sós por um bocado. Estou certo que o senhor Kovacs tem inúmeras perguntas, e provavelmente será algo demasiado aborrecido para ti.

— Na verdade, também tenho algumas questões para a senhora Bancroft.

O meu comentário deteve-a quando já estava a meio caminho do interior da casa. Inclinou ligeiramente a cabeça e olhou de mim para Bancroft e de Bancroft para mim. Por trás de mim o marido moveu-se inquieto. Não era o que ele queria.

— Talvez possa falar consigo mais tarde — emendei. — Em separado.

— Com certeza. — Os olhos dela cruzaram-se com os meus e desviaram-se. — Estarei na sala dos mapas, Laurens. Manda lá o senhor Kovacs assim que tiverem terminado.

Ficamos os dois a vê-la sair, e logo que a porta se fechou por trás dela, Bancroft indicou-me com um gesto que me sentasse numa das espreguiçadeiras na sacada. Para lá das cadeiras, um antigo telescópio astronómico estava apontado ao horizonte, a ganhar pó. Olhando para as tábuas do chão podia ver que estavam gastas com o uso. A impressão de idade caiu sobre mim como um manto opressivo, e sentei-me na poltrona com um estremecimento de mal-estar.

— Peço-lhe que não me veja como um chauvinista, senhor Kovacs.

Depois de quase duzentos e cinquenta anos de casamento, a minha relação com a Miriam é mais de educação do que qualquer outra coisa. Será efectivamente melhor que fale com ela a sós.

— Compreendo. — Era deformar um bocado a verdade, mas tinha de servir.

— Bebe alguma coisa? Alguma coisa com álcool?

— Não, obrigado. Um sumo de fruta, se tiver. — A tremedeira associada ao *download* estava a começar a instalar-se, e a somar-se a ela sentia uma comichão nos pés e nas mãos que devia ser da dependência de nicotina. Sem contar com os raros cigarros cravados à Sarah, tinha deixado de fumar há já duas mangas, e não queria ter de passar pelo processo de deixar o vício outra vez. Se ainda por cima bebesse álcool, acabava comigo.

Bancroft pousou as mãos no colo.

— Com certeza. Vou providenciar para que tragam algum. Agora, por onde quer começar?

— Talvez devamos começar pela sua própria perspectiva. Não sei o que lhe disse a Reileen Kawahara, ou que tipo de imagem o Corpo de Enviados tem aqui na Terra, mas não espere que faça milagres. Não sou um bruxo.

— Tenho noção disso. Li cuidadosamente o material do Corpo. E a Reileen Kawahara apenas me disse que era de confiança, ainda que um bocado picuinhas.

Lembrava-me dos métodos da Kawahara e da minha reacção a eles. Picuinhas. Pois sim.

Seja como for, dei-lhe o sermão do costume. Era engraçado, fazer publicidade a um cliente que já estava filado. E era estranho diminuir as minhas próprias capacidades. A comunidade criminoso não é conhecida pela sua modéstia, e o que um tipo tem de fazer para garantir contratos é inflacionar a reputação que já possa ter. Isto assemelhava-se mais a um regresso ao Corpo. Longas mesas de conferência e Virginia Vidaura a enumerar as capacidades da sua equipa.

— O treino dos Enviados foi desenvolvido para as unidades de comandos coloniais da ONU. Isso não quer dizer que...

Não quer dizer que cada Enviado seja um comando. Não, não propriamente; mas de qualquer maneira, que é um soldado? Quanto do treino de forças especiais está gravado no corpo físico e quanto na mente? E o que acontece quando os dois se separam?

O espaço, para usar um *cliché*, é grande. O mais próximo dos Mundos Colonizados fica a cinquenta anos-luz da Terra. O mais longínquo quatro vezes essa distância, e alguns dos transportes coloniais ainda estão a caminho. Se algum tarado começa a brincar com armas nucleares estratégicas,

ou com qualquer dos outros brinquedos de ameaça biosférica, o que é que um tipo faz? Pode transmitir a informação, via *needlecast* hiperespacial, de forma quase tão instantânea que os cientistas ainda andam a debater a terminologia, mas isso, para citar Quellcrist Falconer, não põe divisões no terreno. Mesmo que enviasses um transporte de tropas no momento em que a merda acertasse na ventoinha, os fuzileiros haviam de chegar mesmo a tempo de interrogar os netos sobre quem tinha ganho.

E isso não é maneira de gerir um Protectorado.

Certo, podem-se digitalizar e transportar as mentes de uma unidade de elite. Já lá vão os tempos em que os números pesavam no resultado de uma guerra, e a maior parte das vitórias militares do último meio milénio foi obtida por forças de guerrilha pequenas e altamente móveis. Até podes decantar os teus soldados t.h.d. de elite directamente para mangas com condicionamento de combate, sistemas nervosos artilhados e corpos desenvolvidos com esteróides. E depois o que fazes?

Estão em corpos que não conhecem, num mundo que não conhecem, a lutar por um bando de totais desconhecidos contra outro bando de totais desconhecidos, por causas de que provavelmente nunca ouviram falar e que de certeza não compreendem. O clima é diferente, a língua e a cultura são diferentes, a fauna e a flora são diferentes, a própria atmosfera é diferente. Merda, até a *gravidade* é diferente. Não sabem nada, e mesmo que fossem descarregados com implantes do conhecimento local, era sempre uma quantidade monstruosa de informação que teriam de assimilar numa altura em que o mais provável era estarem a lutar pela própria vida poucas horas depois do imangamento.

É aí que entra o Corpo de Enviados.

Condicionamento neuroquímico, interfaces cibernéticos, aumentos – tudo isso é *físico*. A maior parte nem sequer tem a ver com a mente pura, e é a mente pura que é transportada. Foi aí que nasceu o Corpo de Enviados. Pegaram em técnicas psicoespirituais que já eram conhecidas há milhares de anos pelas culturas orientais da Terra e destilaram-nas até obterem um sistema de treino tão completo que na maior parte dos mundos os graduados foram imediatamente proibidos por lei de ocuparem quaisquer cargos políticos ou militares.

Nada de soldados, não. Não propriamente.

— Eu trabalho por absorção — terminei dizendo. — Seja o que for com que entre em contacto, absorvo como uma esponja, e utilizo a meu favor.

Bancroft agitou-se no assento. Não estava habituado a receber lições. Era uma boa altura para começar.

— Quem é que encontrou o seu corpo?

— A minha filha, Naomi.

Interrompeu-se quando alguém abriu a porta do salão em baixo. Momentos depois, a empregada que já antes tinha atendido a senhora Bancroft subiu as escadas para a sacada carregando uma bandeja com uma garrafa claramente gelada e copos altos. Bancroft estava equipado com um sistema de comunicação interno, como toda a gente em Suntouch House parecia estar.

A empregada pousou a bandeja, encheu os copos num silêncio mecânico e retirou-se na sequência de um breve aceno de cabeça de Bancroft. Por um bocado, ficou a olhar para ela, desconcertado.

Regressado dos mortos. Não é brincadeira.

— Naomi — lembrei, instando-o gentilmente a continuar.

Bancroft pestanejou.

— Ah, sim. Ela entrou aqui de rompante, à procura de alguma coisa. Provavelmente as chaves de alguma das limusinas. Acho que se pode dizer que sou um pai indulgente, e a Naomi é a minha filha mais nova.

— Que idade tem?

— Vinte e três.

— Tem muitos filhos?

— Tenho, sim. Mesmo muitos. — Bancroft esboçou um sorriso. — Quando se tem tempo e dinheiro, trazer filhos ao mundo é uma grande alegria. Tenho vinte e sete filhos e trinta e quatro filhas.

— Vivem consigo?

— A Naomi vive, a maior parte do tempo pelo menos. Os outros vão e vêem. Muitos já têm a sua própria família.

— Como está a Naomi? — Baixei um pouco o tom de voz. Encontrar o próprio pai sem cabeça não é a melhor maneira de começar o dia.

— Está em psicocirurgia — respondeu Bancroft. — Mas vai ultrapassar isto. Precisa de falar com ela?

— De momento não. — Levantei-me e fui até à porta da sacada. — Diz que entrou aqui de rompante. Foi aqui que tudo se passou?

— Foi. — Bancroft veio ter comigo à porta. — Alguém entrou aqui e desfez-me a cabeça com um feixe de partículas. Pode ver a marca do feixe na parede ali em baixo. Perto da secretária.

Entrei e desci as escadas. A secretária era um móvel pesado em madeirospelho – devem ter transportado o código genético desde o Mundo de Harlan e desenvolvido a árvore aqui. Parecia-me quase tão extravagante como a cantaespiral na entrada, e de um gosto muito mais duvidoso. No Mundo, a madeirospelho cresce nas florestas de três continentes, e praticamente todas as tascas no canal em Millsport têm um tampo de balcão esculpido nela. Contornei a secretária, para examinar a parede de estuque.

A superfície branca estava preta, calcinada e rachada com a assinatura inconfundível de uma arma de partículas. O queimado começava à altura da cabeça e desenhava um curto arco para baixo.

Bancroft permaneceu na sacada. Olhei para a silhueta do rosto.

— É a única marca de disparos na sala?

— É.

— Mais alguma coisa foi danificada, partida ou movida?

— Não. Nada. — Parecia-me claro que ele queria dizer algo mais, mas mantinha-se calado até que eu tivesse terminado.

— E a polícia encontrou a arma ao seu lado?

— Sim.

— Possui alguma arma capaz de fazer isto?

— Sim. A arma era minha. Mantenho-a num cofre sob a secretária. Programado para reconhecer as minhas impressões digitais. Encontraram o cofre aberto, mas mais nada foi removido. Quer ver o conteúdo?

— Neste momento não, obrigado. — Sei por experiência própria como é difícil arrastar mobília de madeirespelho. Levantei um canto do tapete artesanal sob a secretária. Havia uma linha de sutura quase invisível no soalho sob o tapete. — Que impressões abrem isto?

— As da Miriam e as minhas próprias.

Gerou-se uma pausa significativa. Bancroft suspirou, alto o suficiente para se ouvir em toda a sala.

— Vá lá, Kovacs. Diga. Já toda a gente o disse. Ou eu me suicidei ou a minha mulher me assassinou. Não há qualquer outra explicação racional. Ouço isso desde que me tiraram do tanque em Alcatraz.

Examinei demoradamente a sala antes de enfrentar o seu olhar.

— Bem, tem de admitir que facilita muito o trabalho da polícia — disse eu. — É fácil e limpo.

Resmungou qualquer coisa, mas havia uma gargalhada oculta no resmungo. Dei por mim a começar a simpatizar com este tipo apesar de tudo. Voltei para cima, saí para a varanda e inclinei-me sobre o peitoril. No exterior, um vulto vestido de negro patrulhava a relva por baixo de nós, para trás e para a frente, arma a tiracolo. A vedação energética tremeluzia à distância. Fiquei a olhar nessa direcção por um bocado.

— É pedir de mais que se acredite que alguém entrou aqui, passando por toda a segurança, abriu um cofre a que só você e a sua esposa têm acesso e o assassinou, sem causar qualquer burburinho. Você é um homem inteligente, deve ter uma razão que justifique acreditar nisso.

— Oh, mas eu tenho. Várias.

— Razões que a polícia resolveu ignorar.

— Exacto.

Voltei-me para ele.

— Muito bem. Vamos ouvi-las.

— Está a olhar para elas, senhor Kovacs. — Colocou-se à minha frente. — Estou aqui. Estou de volta. Não me pode matar só por apagar a minha pilha cortical.

— Tem armazenamento remoto. Isso é óbvio, caso contrário não estaria aqui. Qual é a frequência das actualizações?

Bancroft sorriu.

— A cada quarenta e oito horas. — Bateu com a mão na base da nuca. — *Needlecast* directo daqui para uma pilha blindada nas instalações da PsychSec em Alcatraz. Nem sequer tenho de pensar na transmissão.

— E também é lá que lhe conservam os clones em gelo.

— Sim. Unidades múltiplas.

Imortalidade garantida. Fiquei a pensar nisso por um bocado, perguntando-me como seria tê-la. Perguntando-me *se gostaria* de a ter.

— Deve ser caro — disse por fim.

— Nem por isso. Eu sou o dono da PsychSec.

— Oh.

— Por isso já vê, Kovacs, nem eu nem a minha mulher podíamos ter premido o gatilho. Ambos sabíamos que seria inútil para me matar. Por muito improvável que pareça, *teve* de ser um desconhecido. Alguém que não tinha conhecimento do remoto.

Acenei com a cabeça.

— Muito bem, quem mais *sabia* disso? Vamos encurtar a lista.

— Para além da minha família? — Bancroft encolheu os ombros. — A minha advogada, Oumou Prescott. Alguns dos seus associados. O director da PsychSec. Acho que é tudo.

— Claro que o suicídio raramente é um acto racional — disse eu.

— Sim, foi isso o que a polícia disse. Também se serviram disso para explicar todos os outros pequenos inconvenientes da teoria deles.

— Nomeadamente?

Isto era o que Bancroft tinha querido revelar antes. Saiu-lhe de rajada.

— Nomeadamente que eu tenha resolvido caminhar os últimos dois quilómetros de regresso a casa, tenha entrado na propriedade a pé, e aparentemente tenha decidido reajustar o meu relógio interno antes de me matar.

Pestanejei.

— Desculpe?

— A polícia encontrou marcas da aterragem de um veículo num campo a dois quilómetros do perímetro de Suntouch House o que, con-

venientemente, fica quase no limite de alcance dos sistemas de vigilância da casa. De forma igualmente conveniente, parece que não havia qualquer cobertura de satélite naquele preciso momento.

— Verificaram as pilhas de memória de táxis?

Bancroft acenou afirmativamente.

— Pelo pouco que isso vale, sim, verificaram. A lei da Costa Oeste não exige que as companhias de táxi mantenham registos do paradeiro das suas frotas em dado momento. Algumas das firmas mais reputadas mantêm esses registos, claro, mas há muitas outras que não o fazem. Algumas até se servem disso como uma vantagem comercial. Sigilo profissional, e esse tipo de coisas. — A expressão de alguém acochado atravessou o rosto de Bancroft. — Para alguns clientes, em alguns casos, isso representaria uma clara vantagem.

— Alguma vez utilizou essas firmas antes?

— Ocasionalmente, sim.

A questão que logicamente se impunha pairou no ar entre nós. Dei-xei-a por expressar, e aguardei. Se Bancroft não queria partilhar comigo os motivos que o podiam levar a necessitar de transporte confidencial, não era eu que o ia pressionar, pelo menos antes de ter estabelecido alguns pontos de referência.

Bancroft pigarreou.

— Em qualquer caso, há indícios que sugerem que o veículo em causa possa não ter sido um táxi. A polícia referiu-se à distribuição do efeito de campo. Um padrão condizente com um veículo maior.

— Depende da violência com que tenha pousado.

— Eu sei. De qualquer forma os meus rastros surgiam do local de aterragem e, aparentemente, o estado dos meus sapatos condizia com uma marcha de dois quilómetros a corta-mato. E por fim, existe uma chamada feita desde esta sala pouco depois das três da manhã, na noite em que fui morto. Uma verificação horária. Não se ouve qualquer voz na linha, apenas o som de alguém a respirar.

— E a polícia também tem conhecimento disso?

— Claro que sim.

— E que explicação encontram para isso?

Bancroft sorriu levemente.

— Não encontram. Acham que o passeio solitário à chuva combina perfeitamente bem com o acto suicida e, aparentemente, não vêem qualquer contradição em alguém querer verificar o seu *cronochip* interno antes de re-bentar com a própria cabeça. Como você mesmo disse, o suicídio não é um acto racional. Têm históricos clínicos de outros casos assim. Ao que parece o mundo está cheio de incompetentes que se matam, e depois acordam no

dia seguinte numa nova manga. Até me explicaram isso. Esquecem-se que estão a usar uma pilha, ou então esse conhecimento não lhes parece relevante no momento do acto. O nosso amado sistema de segurança social trá-los imediatamente de volta, sem ligar a súplicas ou cartas suicidas. Um curioso abuso de direito, esse. O sistema é o mesmo, lá no Mundo de Harlan?

Encolhi os ombros.

— Mais ou menos. Se o pedido for testemunhado legalmente, então deixam-nos ir. De contrário, não os reviver é considerado crime de armazenamento.

— Parece-me uma precaução sábia.

— É. Impede os homicidas de fazer o trabalhinho passar por suicídio.

Bancroft inclinou-se para a frente no peitoril e fixou-me directamente nos olhos.

— Senhor Kovacs, tenho trezentos e cinquenta e sete anos de idade. Vivi uma guerra corporativa, o subsequente colapso dos meus investimentos comerciais e industriais, as mortes reais de dois dos meus filhos, pelo menos três grandes crises económicas, e ainda estou aqui. Não sou o tipo de homem que se suicida, e *mesmo que fosse*, nunca teria cometido uma argolda destas. Se fosse minha intenção morrer, não estaria agora a falar comigo. Está claro?

Devolvi o olhar àqueles duros olhos escuros.

— Está sim. Muito claro.

— Ótimo. — Desviou o olhar. — Continuamos?

— Sim. A polícia. Não gosta muito de si, pois não?

Bancroft sorriu sem grande humor.

— Eu e a polícia temos um problema de perspectiva.

— Perspectiva?

— Exactamente. — Caminhou ao longo da varanda. — Chegue aqui, vou-lhe mostrar o que quero dizer.

Segui-o ao longo do murete e, ao fazê-lo, toquei acidentalmente no telescópio, apontando o cano para cima. A tremedeira do *download* estava a cobrar o seu preço. O motor posicional do telescópio gemeu num protesto surdo e devolveu o instrumento à sua inclinação original. Informações sobre elevação e foco de alcance correram pelo velho mostrador de memória digital. Parei para o ver a realinhar-se. As marcas de dedos no teclado tinham esborratado anos de pó.

Bancroft não tinha dado pela minha ineptidão ou estava apenas a ser educado não a mencionando.

— É seu? — perguntei-lhe apontando com o polegar para o telescópio. Olhou para ele distraidamente.

— Já foi. Foi um entusiasmo passageiro. No tempo em que as estrelas ainda eram algo para que valia a pena olhar. Não pode saber como era a sensação. — Disse-o sem qualquer presunção ou arrogância conscientes, de forma quase inconsequente. A voz perdeu alguma objectividade, como uma transmissão que se perdia. — A última vez que espreitei por essa lente foi há quase dois séculos. Muitas das naves-colónia ainda estavam em trânsito. Ainda estávamos à espera de saber se iam conseguir. À espera que os *needlebeams* chegassem até nós. Como luzeiros de faróis.

Começava a divagar. Trouxe-o de volta à realidade.

— Perspectiva? — lembrei-lhe suavemente.

— Perspectiva. — Anuiu e estendeu um braço de modo a abarcar toda a propriedade. — Vê aquela árvore? Logo a seguir aos *courts* de ténis?

Era difícil não dar por ela. Um velho monstro retorcido, mais alto do que a casa, projectando a sua sombra sobre uma área do tamanho de um dos *courts*. Assenti com a cabeça.

— Aquela árvore tem mais de setecentos anos. Quando adquiri a propriedade, contratei um engenheiro de projectos e ele queria mandar abatê-la. Queria construir a casa um bocado mais à frente na colina e a árvore estragava a vista para o mar. Corri com ele.

Bancroft voltou-se, como para se certificar de que estava a fazer-se entender.

— Está a ver, senhor Kovacs, esse engenheiro era um jovem dos seus trinta anos, e para ele a árvore era apenas um inconveniente. Um obstáculo. O facto de estar neste mundo há mais de vinte vezes a duração da sua própria vida não o perturbava minimamente. Não tinha respeito nenhum.

— E você é a árvore.

— Exacto — afirmou serenamente. — Eu sou a árvore. A polícia gostava de me abater, como o tal engenheiro. Para eles, sou um inconveniente, e não têm qualquer respeito.

Voltei à minha cadeira para matutar nisso. A atitude de Kristin Ortega começava finalmente a ter algum sentido. Se Bancroft considerava que estava à margem dos requisitos normais do bom cidadão, não era provável que fizesse grandes amizades entre os uniformes. E seria inútil explicar-lhe que para Ortega havia uma outra árvore, chamada Lei e que, na sua perspectiva, ele próprio estava cravar-lhe alguns pregos bem profanos. Já estive dos dois lados neste tipo de coisas, e não há outra solução que não seja fazer aquilo que os meus antepassados fizeram. Quando não gostas das leis, vais para qualquer lado onde não te possam apanhar.

E uma vez aí, crias as tuas próprias leis.

Bancroft ficou junto do murete. Talvez estivesse em comunhão

com a árvore. Decidi abandonar temporariamente esta linha de investigação.

— Qual é a última coisa de que se recorda?

— Terça-feira, 14 de Agosto — respondeu prontamente. — Ter-me deitado perto da meia-noite.

— Foi a última actualização remota.

— Foi. A transmissão *needlecast* deve ter acontecido por volta das quatro da manhã, mas obviamente já estava a dormir nessa altura.

— Quase quarenta e oito horas antes da sua morte, portanto.

— Receio que sim.

Optimamente mau. Em quarenta e oito horas tudo pode acontecer. Bancroft podia ter ido à Lua e voltado. Esfreguei novamente a cicatriz sob o olho, interrogando-me distraidamente sobre a sua origem.

— E não há nada anterior a esse momento que sugira porque poderia alguém querer matá-lo?

Bancroft ainda estava inclinado sobre o peitoral, a olhar para o exterior, mas pude ver como sorria.

— Disse algo divertido?

Teve a amabilidade de se voltar a sentar na espreguiçadeira.

— Não, senhor Kovacs. Não há nada de divertido nesta história. Há alguém que me quer ver morto, e essa não é uma sensação agradável. Mas tem de compreender que para um homem na minha posição, inimizade e até ameaças de morte são o pão-nosso de cada dia. As pessoas invejam-me, odeiam-me. É o preço do sucesso.

Ora aí estava uma novidade. Sou odiado numa dúzia de mundos diferentes, mas nunca me considere um homem de sucesso.

— Recebeu algumas interessantes recentemente? Isto é, ameaças de morte?

Encolheu os ombros.

— Talvez. Não tenho o hábito de as ler. A doutora Prescott encarrega-se disso.

— Não considera as ameaças de morte dignas de atenção?

— Senhor Kovacs, eu sou um empreendedor. As oportunidades surgem, as crises manifestam-se, e eu lido com elas. A vida continua. Contrato gestores para tratarem desses assuntos.

— Muito conveniente para si. Mas tendo em conta as circunstâncias, é difícil de acreditar que nem você nem a polícia tenham consultado os ficheiros da doutora Prescott.

Bancroft sacudiu a mão.

— É claro que a polícia conduziu o seu inqueritozinho sumário. Ou-mou Prescott disse-lhes exactamente o que já me tinha dito a mim. Que

não foi recebida qualquer ameaça fora do normal nos últimos seis meses. Tenho confiança suficiente nela para não aprofundar a questão mais do que isso. Possivelmente vai querer verificar pessoalmente os ficheiros?

A ideia de ter de vasculhar centenas de metros de vitriol incoerente vindo dos falidos e falhados deste mundo antigo era o suficiente para despertar uma vez mais o cansaço que sentia. Senti-me invadir por um profundo desinteresse pelos problemas de Bancroft. Dominei-o com um esforço digno da aprovação da Virginia Vidaura.

— Bom, de qualquer forma terei de falar com Oumou Prescott.

— Vou imediatamente marcar uma reunião. — Os olhos de Prescott adquiriram o vidrado de alguém que consulta mecanismos internos. — Qual seria a altura mais conveniente para si?

Fiz-lhe sinal que esperasse.

— É melhor ser eu a tratar disso. Diga-lhe só que eu vou entrar em contacto com ela. E vou precisar de visitar as instalações de re-imangamento da PsychSec.

— Com certeza. Ainda melhor, vou instruir Prescott para o conduzir lá. Ela conhece o director. Mais alguma coisa?

— Uma linha de crédito.

— Claro. O meu banco já lhe criou uma conta com reconhecimento de ADN. Julgo saber que usam o mesmo sistema no Mundo de Harlan?

Lambi o polegar e ergui-o numa interrogação silenciosa. Bancroft anuiu com a cabeça.

— Aqui é a mesma coisa. No entanto, *vai* descobrir que há zonas em Bay City onde apenas aceitam moeda. Com sorte, não terá de passar muito tempo nessas zonas, mas se tiver pode levantar dinheiro em qualquer caixa automática. Vai precisar de alguma arma?

— De momento não. — Um dos mandamentos cardinais da Virginia Vidaura sempre tinha sido *define primeiro a tarefa antes de escolheres os instrumentos*. Aquele simples traço de estuque calcinado na parede de Bancroft era demasiado elegante para que isto se tornasse num festival de tiroteio.

— Bom. — Bancroft parecia quase perplexo com a minha resposta. Estava prestes a tirar algo do bolso da camisa, e agora terminava o movimento de modo quase constrangido. Estendeu-me um cartão de visita. — Este é o meu armeiro. Dei instruções para que contassem consigo.

Aceitei o cartão e passei os olhos por ele. O cursivo elaborado dizia *Larkin & Green - Armeiros desde 2203*. Elegante. Por baixo estava uma sequência de números. Guardei o cartão no bolso.

— Pode vir a ser útil — admiti. — De momento, porém, quero fazer

uma entrada discreta. Pôr-me de lado e esperar que assente a poeira. Julgo que compreende a necessidade de que assim seja.

— Com certeza. O que achar melhor. Confio na sua decisão. — Os nossos olhares cruzaram-se e Bancroft agarrou o meu. — No entanto, tenha sempre em mente os termos do nosso acordo. Estou a pagar por um serviço. Não reajo bem ao abuso de confiança, senhor Kovacs.

— Não, tenho a certeza que não — respondi, fatigado. Recordava perfeitamente como Reileen Kawahara tinha lidado com dois agentes infieis. Vivi assombrado durante muito tempo pelos gritos animalescos que eles soltavam. A explicação de Reileen, composta enquanto descascava uma maçã contra o pano de fundo daqueles gritos, era que já que ninguém morria verdadeiramente, só se conseguia uma punição eficaz através do sofrimento. Mesmo agora, sentia a minha nova face crispar-se com a recordação. — Se quiser saber, o que quer que o Corpo lhe tenha dito a meu respeito vale tanto como a ponta de um corno. A minha palavra vale tanto como antes.

Levantei-me.

— Pode recomendar-me um sítio onde ficar na cidade? Qualquer coisa sossegada, não muito cara?

— Sim, há alguns sítios assim na Mission Street. Vou providenciar para que alguém o leve lá. Curtis, se já tiver sido libertado. — Bancroft levantou-se também. — Presumo que queira falar com a Miriam agora? Ela sabe mais sobre aquelas quarenta e oito horas do que eu, por isso deve querer falar com ela mais detidamente.

Recordei aqueles olhos velhos no corpo pneumático de adolescente e a ideia de manter uma conversa com Miriam Bancroft pareceu-me subitamente repelente. Ao mesmo tempo dedos frios dedilharam cordas retesadas na boca do estômago e senti a cabeça do pénis inchar-se com o afluxo de sangue. Cheio de classe, sem dúvida.

— Oh, sim — respondi sem entusiasmo. — Se for possível...